



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

AURICELIA DE MELO ARAUJO

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES QUE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS
OFERECEM PARA AS DESMISTIFICAÇÕES DE PRECONCEITOS NAS
RELAÇÕES DE GÊNERO**

**SUMÉ - PB
2014**

AURICELIA DE MELO ARAUJO

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES QUE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS
OFERECEM PARA AS DESMISTIFICAÇÕES DE PRECONCEITOS NAS
RELAÇÕES DE GÊNERO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo da
Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Educação do Campo, na área de Ciências
Humanas e Sociais.**

Orientador: Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos

**SUMÉ – PB
2014**

M244E Araujo, Auricelia de Melo.

Gênero e educação : contribuições que as práticas educativas oferecem para as desmistificações de preconceitos nas relações de gênero. / Auricelia de Melo Araujo. - Sumé - PB: [s.n], 2014.

56 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Identidade e gênero. 2. Práticas educativas. 3. Educação e gênero. I. Título.

CDU: 37(043.3)

AURICELIA DE MELO ARAÚJO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo na área de Humanas e Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Valdonilson B. dos Santos

Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos

Prof. Orientador

Kátia Patrício Benevides Campos

Profa. Dra. Kátia Patrício Benevides Campos

Membro da Banca

Maria do Socorro Silva

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva

Membro da Banca

Aprovada em 16 de abril de 2014

Dedico este trabalho a toda minha família, que é meu alicerce de vida, e em especial ao meu filho Luís Felipe, à minha mãe Netinha e ao meu pai Arnaldo, por me ensinarem o verdadeiro significado do verbo amar, e como aproveitar o melhor que a vida pode nos oferecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por proporcionar condições, força e determinação para conseguir concluir esse trabalho.

Agradeço muito ao meu filho Luís Felipe Araujo Diniz que a cada dia me proporciona momentos de muita felicidade, e também por ser a razão da minha vida.

Agradeço a minha mãe M^a Risonete de Melo Araujo e ao meu pai Arnaldo Tavares de Araujo, por toda educação que me propuseram, com base no respeito, na honestidade, na solidariedade, na união e no amor.

Agradeço as minhas irmãs Aurinete e Albetânea e meus irmãos Auriberto e Auriberes por sempre me incentivaram a buscar novos conhecimentos e a nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço ao meu companheiro Carlos Diniz pela paciência e compreensão nos momentos em que não pude dar-lhe a devida atenção.

Agradeço a D. Creuza Diniz, que foi minha primeira professora, por quem eu tenho muita admiração e respeito, e que tem me dedicado um grande carinho.

Agradeço a todos os amigos e amigas, a meus/minhas colegas de curso por todos os momentos de construção de conhecimentos que passamos juntos. E que irei sentir saudades!

Agradeço ao meu orientador, o professor Valdonilson Barbosa dos Santos, por ter aceitado o convite para orientar o meu trabalho desde o primeiro momento, e principalmente, por todos os momentos de conversa e discussão que enriqueceram muito este trabalho.

Agradeço ao corpo docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo que contribuíram para construção de novos conhecimentos, e me auxiliaram em todos os momentos durante os anos de curso.

Agradeço ao todos os que fazem parte da escola, na qual foi realizada a pesquisa, em especial ao professor e a professora que concederam a entrevista, como também aos alunos/alunas que fizeram parte do grupo focal, por terem permitido a realização da minha pesquisa e pela colaboração.

Enfim, agradeço a toda minha família, e todos/todas que colaboraram diretamente ou indiretamente com a realização do meu trabalho.

Que Diferença da Mulher o Homem Tem

*Que diferença da mulher o homem tem?
Espera aí que eu vou dizer meu bem
É que o homem tem cabelo no peito
Tem o queixo cabeludo
E a mulher não tem*

*No paraíso um dia de manhã
Adão comeu maçã, Eva também comeu
Então ficou Adão sem nada, Eva sem nada
Se Adão deu mancada, Eva também deu*

*Mulher tem duas pernas, têm dois braços, duas coxas
Um nariz e uma boca e tem muita inteligência
O bicho homem também tem do mesmo jeito
Se for reparar direito tem pouquinha diferença.*

(Jackson do Pandeiro)

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo, realizada em uma escola no município de Sumé – PB, referenciada em pressupostos teóricos pertinente às relações de gênero no contexto escolar. Destaca-se a importância da escola na construção da identidade de gênero pautada na igualdade, através da sua contribuição para desmistificar preconceitos. Nesse sentido, a questão analisada é: quais as contribuições que as práticas educativas oferecem para a desmistificação de preconceitos nas relações de gênero? Dessa forma, procuramos analisar se as práticas educativas desenvolvidas na referida escola contribuem para a desmistificação do preconceito de gênero. Para tanto, foram realizadas entrevistas com professores/professoras, grupo focal formado por alunos/alunas, bem como observações do cotidiano da escola, com o intuito de aproximação com objeto de estudo. O trabalho apresenta embasamentos teóricos relacionados com as análises do material pesquisado a partir das reflexões de autores como, Bourdieu (2002) e Louro (1997). Apresenta-se o conceito de gênero atrelado a uma concepção de educação pautada no respeito às diferenças. De um lado, as análises nos apontam que a escola tem desenvolvido ações que contribui para desmistificar preconceitos, com base no combate a desigualdade de gênero. Por outro lado, essas ações são eventuais, ainda não sistematizadas dentro do currículo da escola. Então, a partir do que foi diagnosticado recomenda-se que o ideal seja incorporar as discussões pertinentes às relações de gênero em todas as disciplinas, nos conteúdos trabalhados em sala de aula, como também nas atividades extraclasse, e assim essas questões sejam inclusas nas práticas educativas como ações permanentes.

Palavras – chave: Educação. Gênero. Práticas educativas. Identidade de gênero.

ABSTRACT

The present work is the result of a field research, performed in a school in the city of Sumé – PB, referenced on theoretical premises pertinent to gender relations in the school context. We highlight the importance of school in the construction of a gender identity ruled by equality, through its contribution to demystify prejudices. In this sense, the question analyzed is: what are the contributions that educational practices offer to demystify prejudices on gender relations? This way, we have tried to analyze whether the educational practices developed on the referred school contribute to demystify the gender prejudice. For that, interviews with teachers were performed, with a focal group formed by students, as well as observations from the school everyday life, in order to get closer to the object of study. The paper presents theoretical bases related to the analysis of the researched material departing from reflections of authors such as Bourdieu (2002) and Louro (1997). We present the concept of gender linked to a conception of education based on the respect of differences. On one side, the analyses point us that the school has developed actions that contribute to demystify prejudices, based in combating gender inequality. On the other side, these actions are casual, not yet systematized within the school curriculum. Then, based on what has been diagnosed it is recommended that the ideal is to incorporate the discussions pertinent to gender relations in all disciplines, in the contents worked in classroom, as well as in the extra class activities, so that these issues are included in educational practices as permanent actions.

Key-words: Education. Gender. Educational practices. Gender identity.

LISTA DE SIGLAS

CDSA – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTRA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Composição de gênero dos (das) alunos (as) da escola Maria Emilia no ano letivo de 2013 30

Gráfico 02 – Composição de gênero do quadro docente da escola Maria Emilia, no ano letivo de 2013 30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TECENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	14
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
2.2 O CAMPO DA PESQUISA.....	16
2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	18
3 DISCUTINDO AS QUESTÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO.....	19
3.1 EDUCAÇÃO.....	19
3.1.1 Educação do campo.....	22
3.2 GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA.....	23
3.3 GÊNERO E EDUCAÇÃO.....	26
4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	29
4.1 ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	29
4.2 O QUE DIZEM OS DOCENTES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	33
4.2.1 O papel da escola na construção da identidade de gênero.....	34
4.2.2 Desigualdade de gênero no espaço escola.....	37
4.2.3 Atividades extraclases desenvolvidas na escola que contribuem para a desmistificação de preconceitos.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A - Roteiro para entrevista.....	49
APÊNDICE B – Roteiro do grupo focal.	52
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	55

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa se constituiu a partir da necessidade de discutir as relações de gênero no espaço escolar. Visto que, a sociedade brasileira vem passando por inúmeros avanços e transformações no que se refere às relações entre mulheres e homens, ou seja, nas relações de gênero, e esses avanços e transformações são constituídos pela sociedade de diferentes maneiras e sob diversas formas.

Porém, apesar dos avanços é possível verificar que ainda existem certas desigualdades nessas relações. Essas desigualdades se manifestam também no interior da escola, pois mesmo que nos últimos anos venha ocorrendo mudanças significativas no currículo escolar, ainda é possível encontrar nesses espaços muitas discriminações e preconceitos.

A escola sem dúvida é um espaço propício para construção de relações sociais e suas representações, como também é o espaço aonde os indivíduos vão se constituindo, criando e recriando significados para sua vida social.

Diante dessa reflexão escolhemos como problema para a nossa pesquisa, a seguinte questão: quais as contribuições que as práticas educativas oferecem para a desmistificação de preconceitos nas relações de gênero?

Optamos por discutir as relações de gênero, visto que, esta é uma questão atual e importante na discussão das práticas escolares, que contribuem para a construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática. Pois, não existem práticas democráticas se não houver uma escolarização pautada na igualdade de direitos.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental II, localizada no município de Sumé no Estado da Paraíba, que receberá o nome de escola Maria Emilia¹. Essa escolha se deu por esta ser uma escola que atende a um número considerável de alunos oriundos da zona rural, dessa forma o direcionamento da pesquisa não se distancia da perspectiva do curso de Educação do Campo, pois de acordo com que estar previsto no Decreto nº 7.532, a escola do campo não é, unicamente, aquela que estar situada na área rural, assim como consta no Artigo 1,

§ 1º Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

[...]

II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela

¹ Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da instituição de ensino na qual foi realizada a pesquisa.

situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

Assim também estar exposto no documento da Coordenação Geral de Educação do Campo / SECAD/ MEC, que escola mesmo tendo sua sede localizada na área considerada “urbana” segundo o IBGE, ela atende aluno/alunas que majoritariamente estão vinculadas ao trabalho e à vida no campo, e tem no seu currículo, disciplinas direcionadas para as atividades desenvolvidas no meio rural. Sendo assim, a sua identidade é definida não pela localização no espaço geográfico, mas pelo vínculo que tem com a população do campo.

Sendo, o curso de Licenciatura em Educação do Campo, um curso direcionado para a formação de educadores e educadoras que atuem na educação de sujeitos do campo, os quais possuem diferentes saberes, seja em escolas com estruturas físicas localizadas no meio rural, ou não, o que é mais importante é a necessidade de proporcionar a esses sujeitos uma educação de qualidade tendo como base uma concepção de educação igualitária que respeita as diferenças.

Nesse sentido, essa temática se enquadra na proposta de Educação do Campo, pois se trata de uma discussão a cerca de igualdade de direito e desmistificação de preconceitos.

A motivação para a escolha desse objeto de estudo partiu da inquietação em saber se no espaço escolar as práticas educativas favorecem a igualdade nas relações entre homens e mulheres, contribuindo assim para minimizar a desigualdade de gênero.

Pois, durante o período que participei do PIBID², no Subprojeto de Ciências Humanas e Sociais do curso de Licenciatura em Educação do Campo, no CDSA, como também durante o Estágio Supervisionado tive a oportunidade de vivenciar algumas experiências no contexto escolar, que chamaram a atenção no tocante das relações entre meninas e meninos dentro do espaço escolar, que de certa forma reproduziam uma desigualdade de gênero, e isso me deixou inquieta, em saber se as práticas educativas contribuem para amenizar a desigualdade de gênero presente no cotidiano escolar.

Diante dessas ponderações essa pesquisa justificou-se pela necessidade de trazer para o campo das discussões, as reflexões pertinentes ao que se refere à relação de gênero e as práticas educativas, como também os questionamentos que estas podem suscitar dentro do processo de ensino/aprendizado, e o seu direcionamento para desmistificação dos preconceitos relacionados às questões de gênero, sexualidade e etnia.

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. O PIBID é um programa financiado pela CAPES para incentivar a formação de professores para a educação básica. Participei do Subprojeto na Área das Ciências Humanas e Sociais do curso de Licenciatura em Educação do Campo - UFCG/CDSA, inserido no projeto Institucional do PIBID UFCG na Educação Básica: Olhares – Diálogos – Interações, entre os anos 2011 a 2013.

Como também, por esse ser um assunto de suma importância no espaço escolar, que deve permear a formação docente, para que os profissionais da educação ao adentrar no campo de trabalho tenham subsídios suficientes para lidar com questões pertinentes as relações entre pessoas, independente do sexo ou composição de gênero.

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as contribuições que as práticas educativas oferecem para a desmistificação de preconceitos nas relações de gênero. E para alcançar respostas para o nosso problema, elegemos os seguintes objetivos específicos: Identificar como é concebida a identidade de gênero no contexto escolar; discutir questões relacionadas com a relação de gênero entre alunos e alunas; verificar se as práticas educativas contribuem para a desmistificação de preconceitos nas relações de gênero; e refletir sobre a necessidade de discutir a igualdade de gênero no espaço escolar.

O caminho para alcançarmos o nosso objeto foi: levantamento bibliográfico sobre a temática, gênero e educação, observação participante, através da qual ocorreu a aproximação com o campo da pesquisa e com os sujeitos da pesquisa, as entrevistas realizadas com docentes, e as reuniões com o grupo focal, formado por alunos/alunas. E a partir da coleta de dados foi realizada a análise do material coletado, onde foi relacionando à discussão teórica da literatura sobre o assunto, para então chegamos a um resultado.

A partir das considerações iniciais, gostaríamos de apresentar a estrutura do nosso trabalho, que foi dividido em três capítulos, e ficou sistematizado da seguinte forma:

Capítulo 1 – Tecendo os caminhos da pesquisa, onde iremos apresentar os caminhos metodológicos utilizados na pesquisa, o campo da pesquisa e os sujeitos da pesquisa.

Capítulo 2 - Discutindo as questões de gênero e educação, onde será apresentada a fundamentação teórica do trabalho, a partir do diálogo com alguns autores que tratam da temática proposta.

Capítulo 3 – Análise das questões de gênero no espaço escolar, onde traremos as análises e resultado da pesquisa.

E por fim, as considerações finais, onde iremos tecer algumas reflexões a respeito do que foi encontrado durante a pesquisa.

Diante dessa perspectiva, este estudo busca contribuir com reflexões inerentes as relações de gênero e às práticas educativas, no sentido de propagar uma concepção de educação livre de pensamentos e atitudes preconceituosas, visto que, a escola é uma das principais instituições responsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade.

2 TECENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos adotada para a realização deste trabalho, onde serão detalhados os caminhos metodológicos utilizados para alcançar os objetivos propostos, incluindo os instrumentos e técnicas de coleta de dados, de análise e resultados, bem como trás também uma breve caracterização do campo de pesquisa e dos sujeitos da pesquisa.

2.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de campo do tipo descritiva, onde foi usadas técnicas padrão de coletas de dados com o intuito de alcançar os objetivos propostos, de acordo com Gil (2002, p.42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Sendo assim, essa pesquisa tem uma abordagem de natureza qualitativa, escolhemos esse caminho metodológico por considerar que esse é o melhor método a ser aplicado, pois possibilita compreender as relações estabelecidas no campo de pesquisa. Sendo que, o que é mais relevante na pesquisa é às questões sociais de cunho qualitativo.

Nesse sentido, Richardson (2009, p. 90), afirma que,

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamento.

O processo metodológico de uma pesquisa deve ser considerado de grande relevância, pois são a partir dos métodos escolhidos, que se definem os caminhos que nortearão todas as etapas da pesquisa, visto que, é impossível desenvolver qualquer pesquisa sem a utilização de um método, pois como diz Marconi e Lakatos (2009, p. 253) “O método consiste em uma série de regras com finalidade de resolver determinados problemas ou explicar um fato por meio de hipóteses ou teorias que devem ser testadas experimentalmente e podem ser comprovadas ou refutadas”.

Essa pesquisa foi realizada no período de novembro de 2013 a março de 2014, em uma escola localizada no município de Sumé – PB, tendo como temática principal, gênero e educação.

No primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica fundamentada em um referencial teórico, para obtenção de informações em livros e artigos científicos de autores que tratam da temática proposto. O que segundo Gil (2010, p.50), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigo científico”. Essa foi uma etapa de aprofundamento teórico para dar sustentação à pesquisa.

Na coleta de dados utilizamos instrumentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa, entre eles, a observação participante, por acreditarmos que este instrumento nos possibilita uma aproximação do nosso objeto de estudo, assim como destaca Richardson (2009, p. 261) “na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que será estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado”.

Utilizamos o diário de campo para registrar relatos de situações reais e significativas para o levantamento de dados durante a observação. O período de observação foi de novembro de 2013 a fevereiro de 2014.

Outro instrumento utilizado na pesquisa foi à entrevista semi-estruturada, que foi direcionada aos sujeitos da pesquisa, mas especificamente, um professor e uma professora, por consideramos que este é um instrumento que possibilita uma ampla coleta de dados. Assim como define Gil (2010, p. 109) “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.”

A entrevista semi-estruturada pode se basear num roteiro de perguntas, mas não com questões fechadas, deve estar aberta a novas questões que possam surgir durante a sua realização. Foram realizadas duas entrevistas, uma direcionada a um professor e outra uma professora, os dois atuam na instituição pesquisada.

Foi utilizado também como instrumento de coleta de dados, o grupo focal, com o intuito de discutir a cerca da temática da pesquisa, este foi direcionado para alunos/alunas, por consideramos a necessidade de coletar determinadas informações através de um grupo formado por meninas e meninos. Pois o grupo focal se constitui em,

[...] uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo

coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico (CRUZ et al, 2002. p. 4).

Decidimos utilizar esse instrumento de coleta por consideramos essa é uma técnica interessante para trabalhar com adolescente, pois utilizamos os encontros apenas como uma roda de conversa entre eles.

Antes da formação do grupo focal, foi realizadas observações em sala de aula, com o intuito de entender como alunos/alunas entendem as questões relacionadas com as relações de gêneros, e a partir de então foi convidados alguns alunos/alunas para participar dos encontros, onde foi utilizado um roteiro pré-estabelecido, porém, abertos a questionamentos.

O grupo focal foi formado por 06 componentes, sendo 03 do gênero feminino e 03 do gênero masculino, e foram realizados três encontros, onde o primeiro foi só com as meninas, o segundo só com os meninos e por último, o terceiro com o grupo todo.

No caminho das leituras, da observação participante, das entrevistas e das reuniões com o grupo focal, sempre estávamos munidos de gravador e caderno de campo, na perspectiva de encontrar novos dados que pudessem se juntar ao material da nossa pesquisa.

Por fim, após a coleta de dados foi realizada a análise e interpretação dos dados obtidos durante a pesquisa. Com relação à análise e interpretação dos dados de uma investigação, Gil (2010, p. 156), vem nos dizer que,

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

A técnica que foi utilizada para a interpretação dos dados foi à análise de conteúdo, onde segundo Richardson (2009, p. 223) “a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada dia mais aperfeiçoados que se aplicam a discursos diversos.” Através dessa técnica foi possível interpretar os dados e obter os resultados apresentado nesse trabalho.

2.2. O CAMPO DA PESQUISA

O campo de pesquisa foi uma escola da rede municipal de ensino do município de Sumé - PB, fundada no ano de 1991 e reinaugurada como uma escola agrotécnica em 1998. Neste trabalho recebeu o nome de escola Maria Emilia.

Esta escola funciona há 15 anos com a modalidade de Ensino Fundamental II, do 6º ano ao 9º ano, nos turnos, matutino e vespertino, distribuídos em 10 turmas, sendo 06 (seis) turmas na parte da manhã e 04 (quatro) turmas na parte da tarde, a escola atende a um total de 276 (duzentos e setenta e seis) educandos, sendo que, mais de 70% dos (as) alunos (as) são oriundos da zona rural, os quais são distribuídos nas turmas do turno da manhã.

Na escola atuam um total de 19 (dezenove) docentes, com formação inicial em diversas áreas. A equipe de gestão da escola é composta por uma diretora, um coordenador pedagógico, uma secretária e um supervisor.

A escola tem um espaço físico apropriado, pois sua estrutura é agradável favorecendo a realização de um bom trabalho pedagógico. A instituição possui uma estrutura física conforme apresenta o quadro abaixo:

Quadro 1 – instalação física da escola

Espaço físico	Quantidade
Almoxarifado	01
Banheiros	02
Biblioteca	01
Campo de areia	01
Campo de gramado	01
Cozinha industrial	01
Quadra poliesportiva	01
Refeitório	01
Sala de aula	07
Sala da coordenação pedagógica	01
Sala da diretoria	01
Sala de informática	01
Sala de vídeo	01
Sala dos professores	01
Secretaria	01

Fonte: Levantamento de campo, 2013.

Como mostra o quadro 1, o espaço físico da escola conta com uma boa estrutura que proporciona ao corpo docente e discente, desenvolver as atividades pedagógicas, como

também atividades extraclasse. Pois, além desses espaços a escola conta com uma área de cultivos direcionada para as práticas agrícolas.

Na escola é desenvolvida uma prática de ensino objetivada na orientação e capacitação dos (as) alunos (as) para o desenvolvimento de técnicas adaptadas a realidade local, de maneira que estes possam ficar aptos a realizar um manejo sustentável do meio em que vivem.

No currículo da escola são ofertadas 12 (doze) disciplinas, sendo 04 (quatro) destas são direcionadas para as atividades técnicas, que são elas: Práticas Agrícolas, onde alunos/alunas aprendem como fazer o manejo do solo e das culturas agrícolas; Práticas Industriais, onde aprendem as práticas de industrialização dos alimentos; Práticas Comerciais, onde aprendem os princípios da comercialização, com base nos próprios alimentos que são produzidos na própria escola e Zootecnia.

2.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram um professor e uma professora que atuam na escola na qual foi realizada a pesquisa. A escolha por esses dois se deu pelo fato de que eles têm outras atribuições na escola, além da docência. Sendo assim, poderiam demonstrar um conhecimento mais amplo sobre as atividades desenvolvidas na escola.

O professor entrevistado além de atuar como docente é coordenador pedagógico da referida escola, tem formação inicial em Licenciatura em História, e atua na profissão há 15 (quinze) anos, sendo que parte desse tempo ele atuou na rede estadual de ensino, porém na escola Maria Emilia atua como docente há 09 (anos). Nesse trabalho vamos nomeá-lo de José, para resguardar sua identidade.

A professora entrevistada atua como docente e é supervisora de um Subprojeto do PIBID/UFCG desenvolvido na escola. Ela tem formação inicial em Licenciatura em Biologia, e atua nessa escola há 06 (seis) anos. Iremos nomeá-la nesse trabalho como Eva, para resguardar a sua identidade.

Foi também sujeitos da pesquisa um grupo de alunos/alunas, os quais fizeram parte do grupo focal, onde participaram de alguns encontros realizados para discutir a temática proposta. O grupo focal foi formado por 06 alunos/alunas do ensino Fundamental II, do 7º ano do turno da tarde, na faixa etária entre 11 e 13 anos, sendo 03 meninas, as quais serão identificadas com os nomes: Rosa, Açucena e Margarida, e 03 meninos, que serão identificados como os nomes: Concriz, Azulão e Canário.

3 DISCUTINDO AS QUESTÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

Neste capítulo iremos discutir as questões relacionadas com gênero e educação, onde faremos reflexões a partir das discussões com autores que tratam dessa temática, que trazem abordagens teóricas provenientes de diversas áreas de conhecimento, com isso iremos explicitar não só os nossos objetivos, mas também as bases teóricas que sustentaram a nossa pesquisa.

Diante disso, esse capítulo abordará a ideia de uma concepção de educação pautada na igualdade de direito, o conceito de gênero, e as relações de gênero no contexto escolar.

3.1. EDUCAÇÃO

Educação é um processo de formação do ser humano que se realiza na escola ou fora dela. É através desse processo que o ser humano busca a humanização, sendo assim a educação é um dos principais objetivos das ações educativas desenvolvidas no espaço escolar, por ser através da educação que se pode possibilitar a normatização do processo de formação do ser humano.

De acordo com Sacristán (2007, p.119):

Educar tem uma finalidade, e desse impulso normativo é que se deveria a necessidade de controlar a ação educativa, observando o que conseguimos com o que fazemos, que consequências têm nossas ações sobre os seres sobre os quais influímos, que conhecimentos obtêm os educandos e quais os que não obtêm.

No espaço educativo a intencionalidade das ações educativas são direcionadas para determinados fins. Esse é um espaço onde as relações dos indivíduos vão se constituindo em uma dimensão coletiva, pois as ações de uns vão influenciando as ações de outros, e é isso que constitui o processo de formação integral.

Para que o processo de formação tenha validade é preciso que exista uma interação entre os seres humanos e o meio que vivem, pois é através da educação que os indivíduos se preparam para agir diante da sua realidade. Para Freire (1996, p.98) “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Sendo assim o processo de educação só é considerado completo quando estiver ligado com a cultura e comprometido com as mudanças sociais.

Nesse sentido, o processo de educar vai além dos aprendizados sistematizados no processo de ensino-aprendizagem, ele deve estar vinculado com a responsabilidade de gerar

uma consciência crítica e reflexiva nos indivíduos, para que possa contribuir com a formação de cidadãos conscientes, pois como diz Freire (2011, p.66),

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura.

Dessa forma, a educação escolar deve se comprometer com a construção de conhecimento, com a formação dos (as) alunos (as), e com o compromisso de desenvolver nesses sujeitos a capacidade de refletir e se posicionar diante do mundo de uma forma crítica.

Sendo assim, a escola torna-se a principal instituição que deve assegurar, por via da educação, uma sistematização pedagógica direcionada para a formação social dos indivíduos. Nesse sentido, Silva (2003) nos trás a seguinte reflexão:

A escola, assim, é um lugar político-pedagógico que contribui para a inteseção da diversidade cultural que a circunda e a constitui, sendo espaço de significar, de dar sentido, de produzir conhecimentos, valores e competências para a formação humana dos que ensinam e dos que aprendem. (SILVA, 2003, p.11)

A escola sendo uma das responsáveis pela formação humana, tem que se constitui como um espaço de significação para a produção de conhecimentos e assim dar sustentação para a construção de uma cidadania plena.

Dessa forma, as instituições escolares precisam ter diálogos permanentes com as distintas formas de educar e com os demais espaços educativos, pois todos são responsáveis pela educação do ser humano, tendo em vista que, os indivíduos não nascem construídos, vão se construindo de acordo com o que vão aprendendo no decorrer da vida, nos diversos espaços que circulam e com diferentes indivíduos que integram esses espaços.

Porém, perceber-se que nem sempre existe um diálogo promissor e permanente entre os diferentes espaços educativos, pois cada um acaba por utilizar métodos diferenciados, fazendo com que cada instituição tenha uma dinâmica própria, e não abra mão dos seus fundamentos ideológicos, assim, como também dentro de cada instituição existem diferentes intencionalidades, o que acaba direcionando as práticas educativas desses espaços, para tais fins, seja para desenvolver uma criticidade nos sujeitos, ou apenas reproduzir um modelo de sociedade, onde os indivíduos são meros reprodutores de conceitos e preconceitos.

Como diz Appel (2007, p. 94):

A educação é um lugar de conflitos e de compromisso. Ela serve também como um espaço para amplas batalhas sobre o que nossas instituições deveriam fazer, a quem elas deveriam servir e quem deveria tomar essas decisões. E, ainda, ela é, por si própria, uma das maiores arenas em que os recursos, o poder e a ideologia específicos das políticas, das finanças, do currículo, da pedagogia e da avaliação são colocados em jogo. A educação, assim, é tanto causa quanto efeito, determinante e determinada.

A educação é um processo construído socialmente com diferentes intenções, e que ocorre em diferentes espaços, dessa forma, não se pode responsabilizar unicamente a escola pela formação dos indivíduos, tão pouco espera que ela seja a salvação de todos os problemas existentes na sociedade, mas é necessário reconhecer que nesse espaço existem diversas possibilidades que favorece a construção de conhecimento. Portanto,

O espaço escolar não deveria ser visto como um espaço de totalidade, onde todas as idealizações se realizam, mas em um espaço de possibilidade. Cotidianamente nos deparamos com as falhas e as contradições em um movimento pulsional do sujeito que frequenta um espaço coletivo. (DINIZ et.at. 2004, p. 44-45)

A escola sendo um espaço coletivo de formação deve possibilitar a integração entre os diferentes sujeitos que a constitui, para que amenize as falhas existentes no processo educativo. Pois, o espaço escolar não deve ser considerado como um espaço em que tudo pode ser resolvido, mas em um lugar de possibilidades, onde se podem criar perspectivas de vida pautada no respeito ao outro e livre de preconceitos.

No tocante as idealizações promovidas pelos espaços educativos, não se pode afirmar que são todas direcionadas para a formação de um cidadão crítico, mesmo por que é preciso reconhecer que infelizmente existem muitas falhas no processo da educação escolar, pois o currículo praticado na maioria das instituições de ensino, apesar de se mostrar cada vez mais flexível, ainda estar atrelado a uma conjuntura tradicional que tem uma inclinação para uma educação dominadora e preconceituosa, educação esta que Freire (2002) chamou de uma educação bancária, que tem por objetivo depositar conhecimento nos educandos.

Assim, uma escola adequada para proporcionar um ensino de qualidade, que respeita a heterogeneidade e as diferenças presentes no seu contexto, precisa estar aberta para as diferentes concepções de educar, pois uma escola que propõe uma educação de qualidade para todos, não pode de maneira alguma se apresentar como reprodutora de preconceitos e desigualdade.

3.1.1. Educação do campo

A Educação do Campo é uma concepção de educação direcionada para os povos do campo³, que tem diferentes formas de viver e produzir, mas que tem o mesmo direito que todos os cidadãos, a uma educação de qualidade que esteja voltada para as necessidades dos diferentes sujeitos do campo. Para reforçar isso Caldart (2009, p.154 -155) nos trás a reflexão:

É um projeto de educação que reafirma, como grande finalidade da ação educativa, ajudar no desenvolvimento mais pleno do ser humano, na sua humanização e inserção crítica na dinâmica da sociedade de que faz parte; que compreende que os sujeitos se humanizam ou se desumanizam sob condições materiais e relações sociais determinadas; *que nos mesmo processos em que produzimos nossa existência nos produzimos como seres humanos*; que as práticas sociais e, entre elas, especialmente as relações de trabalho conformam (formam ou deformam) os sujeitos. (grifo da autora)

Nesse sentido, essa proposta de educação estar vinculada diretamente aos processos sociais e formativos dos sujeitos do campo, e que respeita as especificidades desses sujeitos, pois não se podem educar pessoas sem modificar as atuais condições materiais e sociais, tão pouco pode haver transformação nas condições sociais do campo, sem que o processo educativo passe por um processo de humanização.

Para isso, é necessário que as práticas educativas desenvolvidas nas escolas do campo sejam adequadas à realidade dos camponeses, favorecendo a uma educação que identifique esses sujeitos como autores da sua própria construção social, dessa forma, essas práticas educativas devem ser desenvolvidas, no campo ou pelos sujeitos do campo. Assim como nos trás Silva (2001, p. 312) "As práticas educativas gestadas no campo trazem a concepção de campo como lugar de vida, de contextos plurais, articulador de saberes e da relação do ser humano com a natureza, consigo mesmo e com os outros".

Como nos mostra a reflexão de Silva (2001), uma concepção de educação pautada na igualdade de direitos, deve respeitar a pluralidade dos sujeitos, sendo assim, qualquer projeto de educação deve respeitar as diferenças para poder alcançar o seu principal objetivo, que é possibilitar a formação de cidadãos críticos e reflexivos, que tem consciência do seu papel dentro de uma sociedade justa e livre de preconceitos de qualquer dimensão.

³ No Decreto nº 7.352 entende por populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Sendo assim, as relações de gênero devem estar vinculadas à luta de classe pela transformação social, considerando que as condições de igualdade de gênero pouco têm espaço na conjuntura de uma sociedade capitalista com padrões da ideologia dominante. Nesse sentido, a Educação do Campo vem trazendo contribuições através do processo de luta e construção de conhecimentos em prol da formação de novos valores nas relações de gênero, no sentido de provocar reflexões que desperte nos sujeitos a necessidade de lutar contra todas as formas de desigualdades excludentes.

3.2. GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA

Para discutir as questões de gênero é necessário primeiramente entender que existe uma diferença nos significados de gênero e de sexo, pois esses conceitos não são sinônimos.

Sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, designadamente as características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos como também ao seu funcionamento.

O conceito de gênero parte do entedimento dos valores atribuído culturalmente ao homem e a mulher, bem como as regras de comportamento decorrentes desses valores. Segundo Scott (1995), o termo gênero refere-se às relações desiguais de poder, resultado de uma construção social ao que se refere ao papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. Diante disso, percebe-se que a representação do papel de gênero estar ligado diretamente com os comportamentos socialmente estabelecidos para homens e para mulheres, seja em gestos ou atitudes, e que essas relações são marcadas por preconceitos, discriminações e poder.

Que de acordo como Scott (1995, p.75):

o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Com o avanço da compreensão do significado das diferenças corporais sexuais, socialmente criou-se ideias e valores do que vem a ser homem ou mulher, a estes conceitos sociais chamamos de representações de gênero. As construções dessas representações criam-

se diferentes papéis sociais e regras de comportamentos próprios para o feminino e para o masculino, partindo das condutas criadas para viver a natureza sexual.

As questões de gênero são motivos de grandes conflitos sociais, que leva a exclusão daqueles que não seguem os papéis de gênero dominante, papéis estes que são impostos por uma camada dominante da sociedade. Dessa forma, o modelo do ser masculino tornou-se referência, sendo considerado socialmente superior ao modelo feminino, o que gerou a desigualdade de gênero.

Os papéis assumidos por cada um dos indivíduos na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles são tão fortemente reproduzidos socialmente que acaba sendo outorgado como uma construção natural do ser humano.

No entanto, as relações de gênero não foram interpretadas da mesma forma em todas as sociedades, pois sofrem variações de acordo como o tempo histórico e a organização de cada sociedade. Como diz Louro (1997, p. 23) “[...] concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

O conceito do ser feminino ou masculino é uma construção histórica de cada sociedade, sendo assim, cada uma possui um modelo ideal de homem e mulher. Nesse sentido, as relações de gênero sendo uma construção social, vai sempre variar de acordo com o contexto histórico, com o grau de desigualdade presente no campo social, e de acordo com o desenvolvimento político e econômico de cada sociedade, sendo assim existirá sociedade com mais ou com menos desigualdades nas relações de gênero, e essa variação não ocorre de forma homogênea na sociedade, porque dentro de uma mesma sociedade poderá sofrer alterações de acordo os interesses dos diferentes grupos sociais.

No Brasil as questões de gênero começaram a ganhar mais destaque na segunda metade do século XX, com o movimento feminista, e com as mudanças que ocorreram na sociedade, a partir dos anos 1970, principalmente no processo de trabalho, com a necessidade de uma melhor qualificação profissional.

Essas transformações socioeconômicas implicaram numa reformulação do sistema educacional, visando qualificar melhor os indivíduos para enfrentarem o novo mercado de trabalho. Com essas mudanças a mulher começou a ganhar mais destaque no mundo profissionalizante, saindo dos limites domésticos e conquistando espaços e conhecimentos que antes eram permitidos apenas para os homens.

A partir das últimas décadas de século XX, as mudanças passaram a ocupar, cada vez mais, funções e posições mais distintas daquelas em conformidade com seu *habitus* adquirido. Se, no início procuravam profissões e ocupações mais próximas de sua maneira de ser, ou seja, do universo doméstico e das funções de mãe e esposa para que tinham sido educadas – vale dizer como professoras, enfermeiras etc. isto é, profissões em que o cuidar do outro fosse o objetivo principal – aos poucos foram se aventurando a ocupar posições em espaços tradicionalmente masculinos. Espaços esses até então, ocupados exclusivamente pelos homens, onde os valores e as regras eram ditados pela maneira de ser masculina. Diante da perspectiva de procurarem se inserir num universo profissional masculino, marcado por valores e requerendo instrumentos que não fazem parte de universo, as mulheres viram-se diante da necessidade de enfrentar um novo aprendizado e optar por atitudes e comportamentos adequados ao novo campo. (TRIGO e BRIOSCHI, 2007, p. 110-111, grifo dos autores)

As transformações no mercado de trabalho cada vez mais foram possibilitando que a mulher conseguisse conquistar mais espaço, deixando de atuar nas profissões ligadas apenas as atividades, que de certa forma eram extensão do lar, e ocupando espaços que antes era só para homens. No entanto isto não foi suficiente para acabar com a desigualdade existente entre homens e mulheres.

Essas desigualdades advêm dos valores sociais atribuídos a homens e mulheres, estabelecido através das normas que devem ser exercidas por cada um em sociedade. Esses valores interferem visivelmente no funcionamento das instituições sociais, entre estas, a escola, pois na sua maioria as regras de comportamentos estabelecidas no espaço escolar tende a servir aos interesses socioeconômicos de uma sociedade capitalista, e não para contribuir com comportamentos que favorecem uma condição de igualdade de gênero.

Dentro das relações de gênero é possível destacar algumas categorias presentes na ordem social, entre essas a sexualidade que estar ligada como os prazeres corporais, mas que é um conceito cultural historicamente construído, que diz respeito à maneira como cada indivíduo vivência e dar significação a corporificação do prazer, assim como destaca Foucault (1997, p.116-117):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

No entanto no contexto escolar o entendimento do significado do termo sexualidade, muitas vezes, é entendido de forma conturbada, o que leva desencadear uma desigualdade de gênero, como também a reprodução de preconceitos, pois, é possível encontrar nitidamente em algumas brincadeiras entre alunos/alunas discriminações relacionadas à sexualidade, com um sentido de menosprezar o outro. Portanto, é importante desenvolver trabalhos direcionados com as relações de gênero em qualquer circunstância do contexto escolar, para que alunos/alunas possam respeitar as diferenças individuais.

3.3. GÊNERO E EDUCAÇÃO

A escola da atualidade se depara com grandes desafios, entre eles, o de atender de forma adequada a diversidade dos indivíduos que fazem parte do seu contexto. Compreender e respeitar essa diversidade são condição necessária para nortear uma transformação na concepção de educação imposta pela sociedade dominante. Só então é que a escola vai proporcionar subsídio suficiente para acabar com uma sociedade tradicionalmente excludente.

Para alcançar tal objetivo é necessário renovar a estrutura educacional existente, e essa renovação poderá ser através das mudanças no currículo escolar, pois este é um dos mecanismos utilizado para validar as reproduções de valores sociais no interior da escola, entre esses as relações de gênero, pois segundo Silva (2009, p. 97) “O currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero.”

Através dos conteúdos selecionados no currículo praticado na escola é possível produzir ou reproduz determinados valores e conceitos, que colaboram para construir a identidade de gênero de alunos/alunas, através das práticas educativas e da maneira de estabelecer os hábitos e os comportamentos que os docentes e discentes devem adotar no espaço escolar.

A escola de fato, é uma das instituições sociais que mais contribui para construção da identidade de gênero, de forma desigual, por usar mecanismos que ao mesmo tempo inclui e exclui do seu interior os indivíduos que não se adéquam a sua concepção de ensino, pois muitas vezes acaba impondo as suas ideologias dominantes sem considerar as experiências dos sujeitos. Tornando-se assim um espaço de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos.

Como destaca Louro (1997, p. 57):

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.

Os indivíduos são inseridos no contexto escolar muitas vezes sem ainda ter construído uma identidade de gênero, e é nesse espaço que vão construindo ou reconstruindo, na sua maioria de forma desigual, os papéis sociais referente ao homem e a mulher.

Para um melhor entendimento acerca do termo de identidade de gênero, faz-se necessário compreender o que é construção da identidade cultural, nesse sentido Hall (1996, p.70) nos trás a seguinte definição:

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental.

Sendo assim, quando nos referimos à construção de identidade de gênero estamos ressaltando de maneira em geral um conjunto de aspectos individuais que caracteriza cada um dos indivíduo, e que tem ligação direta com a maneira como cada um se percebe diante de mundo, tanto individual quanto coletivamente.

Muitas vezes o processo de construção de identidade de gênero no contexto escolar acontece de forma oculta, deixando parecer que é algo natural, não se percebendo que é socialmente construído, acaba usando a educação como um mecanismo de reprodução de identidades distorcidas que reforçam uma desigualdade.

Mas é possível reverter essa concepção de educação imposta pelo poder dominante, através do combate as desigualdades, tornando a escola um espaço propicio para disseminar a condição de igualdade de gênero. Assim como destaca Louro (1997, p.121)

As desigualdades só poderão ser percebidas — e desestabilizadas e subvertidas — na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas.

É importante que seja difundido em todas as instituições sociais, principalmente, nas instituições escolares que a desigualdade não é de forma alguma sinônimo de diferença, para

que os indivíduos possam perceber que não há definições e conceitos prontos e acabados, tão pouco pautá-los somente nas diferenças físicas e biológicas, porém, é necessário por em discussões a reflexão de que essas construções apresentadas pelas relações de gênero são de natureza social, histórica e política. Sendo assim, poderão ser transformadas.

Para tanto, é necessário que a escola crie espaços de discussões a fim de gerar mudanças significativas na maneira dos (as) alunos (as) perceberem que o seu semelhante não é melhor ou pior, é igualmente um ser humano.

Nesse sentido, a instituição escolar pode desenvolver um papel fundamental na desmistificação das diferenças de gênero, por ter instrumentos ideológicos importantes para a construção de valores e atitudes, que pode permitir aos alunos e alunas um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e a construção de uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres.

A partir dessas reflexões, e diálogos acerca de gênero e educação, é possível pensar como a escola pode contribuir na construção das relações gêneros e do respeito às diferenças, pois, através de um longo aprendizado cada um pode ir conhecendo seu lugar, e se posicionando no mundo como sujeitos construtores de relações baseada no respeito mútuo.

4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

Neste capítulo iremos realizar as análises dos dados coletados no campo da pesquisa, para que possamos sistematizar os resultados encontrados. Essa análise é proveniente das informações coletadas no campo de pesquisa e da fundamentação teórica. O capítulo é composto pela apresentação da composição de gênero da escola, tanto dos (as) alunos (as) como dos (as) professores (as). Em seguida apresentaremos as análises das entrevistas realizadas com os docentes.

4.1. ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

A escola é um espaço diversificado na sua composição, porém pode apresentar diferentes variações de acordo com fatores específicos de cada escola. Na escola Maria Emilia a composição de gênero, principalmente no que se refere aos alunos/alunas tem certa influência, ligada diretamente com sua proposta educativa.

A escola tem no quadro de alunos/alunas, no ano letivo de 2013, a seguinte composição de gênero, assim como mostrar o quadro 2.

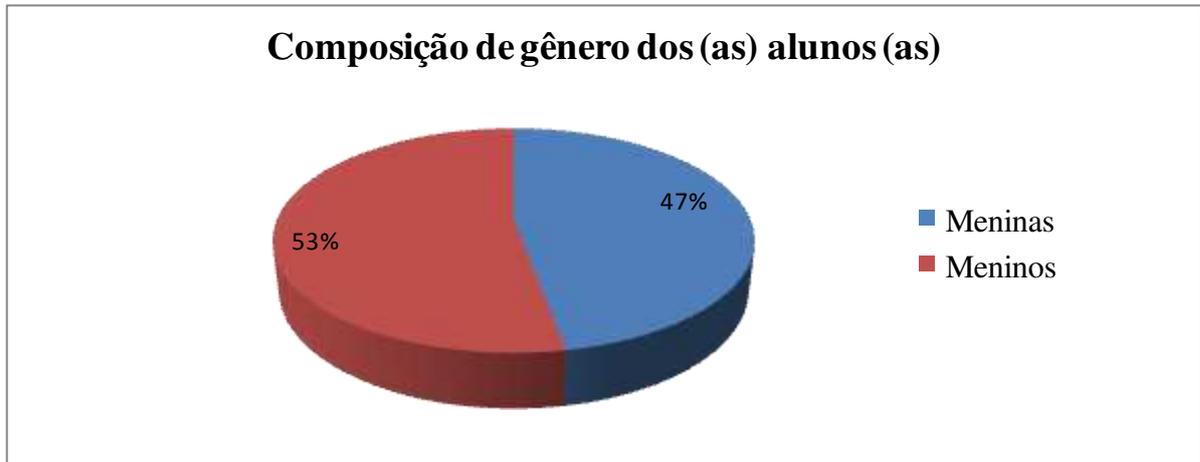
Quadro 2 – composição de gênero dos (as) alunos (as)

Nível de ensino	Total	Feminino (F)	Masculino (M)
6º ano	87	34	53
7º ano	76	45	31
8º ano	63	27	36
9º ano	50	24	26
Total de alunos (as)	276	130	146

Fonte: Dados fornecidos pela escola pesquisa – 2013.

Como é possível observar no quadro 2, a escola tem um número elevados de alunos, e entre eles existe uma presença maior do gênero masculino, como percebemos, na maioria das turmas tem mais meninos que meninas, a única exceção é no 7º ano, onde há um número maior de meninas, no entanto, no geral a predominância é masculina, como comprova o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Composição de gênero dos (das) alunos (as) da escola Maria Emilia, no ano letivo de 2013



Fonte: Dados fornecidos pela escola pesquisada, 2013, e sistematizado pela autora

A escola tem 53% do seu alunado composto pelo gênero masculino, no ano letivo de 2013, essa porcentagem maior, vem nos mostrar que existe uma procura maior do gênero masculino pelo tipo ensino oferecido pela escola, que tem em seu quadro de disciplina, 04 (quatro) disciplinas que são ligadas as atividades técnicas direcionada para área agrícola.

A escola tem em seu quadro docente um quantitativo de 19 (dezenove) docentes, sendo 10 (dez) do gênero feminino e 09 (nove) no gênero masculino, existindo assim, uma presença maior de mulheres no corpo docente da escola, assim como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Composição de gênero do quadro docente da escola Maria Emilia, no ano letivo de 2013



Fonte: Dados fornecidos pela escola pesquisada, 2013, sistematizada pela autora

No que se refere à composição de gênero no quadro docente da escola, podemos perceber, que diferentemente dos (as) alunos (as), existe uma porcentagem maior do gênero

feminino, com 53% apesar da presença maior das mulheres no corpo docente, identificamos que as disciplinas direcionadas para as atividades práticas, são lecionadas por homens.

Diante dessas constatações o que podemos perceber durante as observações é que no contexto escolar ainda existe a ideia de que as atividades técnicas, que nesse caso, são atividades práticas voltadas para o trabalho agrícola, são direcionadas mais para os homens, por serem socialmente considerados hábeis para tais atividades, e por historicamente serem considerados como o sexo forte, pertencente à esfera pública, enquanto as mulheres são consideradas frágeis, e que pertence à esfera privada, e assim acabam sendo educadas para cuidar da casa.

Nos encontros do grupo focal foi constatado a partir das falas dos (as) alunos/alunas, que durante as aulas práticas, principalmente nas aulas da disciplina de Práticas Agrícolas, existe de fato, uma diferenciação nas atividades direcionadas para os meninos e para as meninas, pois, segundo eles/elas, os meninos fazem as tarefas mais pesadas, como por exemplo, capinar, e as meninas ficam fazendo as tarefas mais leves, assim como diz o aluno Concriz “durante as aulas práticas os meninos fazem as tarefas mais pesadas, que é capinar e as meninas nunca fazem”

O que chama a atenção é que os (as) alunos (as) concordam com essa divisão de tarefas. Assim como diz o aluno Azulão, “as tarefas mais pesadas ficam para os meninos, e as meninas ficam com os mais leves, por que tem tarefas que é mais pra os meninos mesmo”. E a aluna Rosa falou o seguinte, “a maioria das tarefas aplicadas nas aulas da disciplina de Práticas Agrícolas é mesmo mais para os meninos, porque são atividades mais para os homens, pois são muito pesadas”. Porém, essa afirmação da aluna, apesar de parecer um ato de conformidade por parte das alunas, é na verdade um reflexo da relação de poder exercida socialmente durante muito tempo, pelo gênero masculino.

Pois, segundo Bourdieu (2002, p.44),

As mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamentos que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, ato de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre.

No entanto, essa passividade das mulheres diante de uma divisão desigual de tarefas, que intencionalmente tende a inferiorizá-la, nada mais é do que um ato de corporificação da

subordinação feminina que se constitui ao longo da história sob o viés da dominação masculina.

Essa ótica reforça a concepção de uma divisão sexual do trabalho, que historicamente tem colocado homens e mulheres em posições diferentes, e com certa inferioridade no que diz respeito às mulheres. Nesse sentido, Pierre Bourdieu trás no seu livro, *A dominação masculina*, a seguinte reflexão:

A dominação masculina encontra, assim, reunida todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sócias e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imamente a todos os *habitus* moldados por tais condições, eles funcionam como matrizes, das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 2002, p. 44, grifo de autor)

A divisão sexual do trabalho sendo uma construção histórica e social, que diferencia as atividades inerentes aos homens e as mulheres, tem sido por muito tempo um mecanismo de desigualdade de gênero. No currículo da escola, essa divisão não é sistematizada, ela acontece de forma oculta, deixando parecer ser algo natural, mas que reforça a desigualdade de gênero.

Porém, o que observamos é que as práticas propostas durante as aulas são atividades propícias tanto para os meninos como para as meninas, o que acaba dividindo as atividades, é na realidade, atitudes voltadas para uma construção social, pois ocorre como se fosse naturalmente, sem que o professor tenha planejado, os próprios alunos/alunas acabam tomando posições diferenciadas, os meninos se colocando como os mais fortes e as meninas como as delicadas, e assim acabam de certa forma direcionando as atividades em favor de seus interesses.

Outro fato relevante, é que na disciplina de matemática, que faz parte da área das ciências exatas, que culturalmente criou-se a ideia, de que essa área é mais direcionada para homens, enquanto a área das ciências humanas é mais para as mulheres, na escola Maria Emilia essa disciplina é lecionada por 03 (três) docentes, sendo, 02 (dois) homens, e 01 (uma) mulher, contratada recentemente, pois anteriormente era um professor, o que nos mostra que a ideia de certas disciplinas serem direcionadas mais para um gênero do que para outro, ainda persiste no magistério, não na sua totalidade, mas infelizmente ainda estar presente no espaço escolar, assim como diz a professora Eva, “naturalmente os meninos desempenham mais

habilidades nas disciplinas de exatas que envolvem raciocínio lógico, e as meninas na área de humanas”.

Porém, entre os (as) alunos (as), essa ideia não é tão disseminada, pois de acordo com as conversas nas reuniões com o grupo focal, percebe-se que entre alunos/alunas não existe tanta diferença no que refere ao desempenho de meninos e meninas nas diferentes áreas de conhecimento, segundo o aluno Canário, “existe meninos que tiram notas boas nas disciplinas de humanas, e meninas que tiram notas melhores nas disciplinas de exatas”. E aluna Assunção diz que, “eu gosto mais de matemática, tiro notas muito boas”.

Diante desses relatos podemos perceber que têm sucedido mudanças no que diz respeito a essa diferenciação, principalmente no entendimento dos (as) alunos (as), pois eles/elas conseguem ter uma reflexão acerca da própria realidade, pois, tanto meninos como meninas são capazes de desenvolver habilidades em qualquer área de conhecimento, por se trata de uma questão de opção e não uma questão de gênero.

Enfim, para que não ocorra favorecimento a um ou outro é importante que os docentes tenham o máximo de cuidado para não promover a concepção de que existem disciplinas mais específicas para homens e outras mais para mulheres, porque a aprendizagem de conteúdo não deve estar ligada com as questões biológicas e sim com as questões sociais vivenciadas por cada um. Dessa forma, é preciso ter o maior cuidado para não classificar certos comportamentos e habilidades como naturais, para não comprometer o ensino-aprendizagem dos (as) alunos (as) e não reproduzir as desigualdades de gênero.

4.2. O QUE DIZEM OS DOCENTES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Nesse ponto, discutimos e refletimos sobre a visão dos (as) professores (as) acerca das relações de gênero no espaço escolar, e como eles/elas lidam com as relações entre homens e mulheres dentro da sua prática pedagógica.

Para alcançarmos os nossos objetivos, foram realizadas entrevistas com dois docentes, sendo um professor e uma professora. E para uma melhor sistematização de conteúdo iremos utilizar três categorias de análise, que surgiram a partir do material coletado durante as entrevistas. Que foram as seguintes: O papel da escola na construção da identidade de gênero; Desigualdade de gênero no espaço escolar e Atividades extraclasse desenvolvidas na escola que contribuem para a desmistificação de preconceitos.

4.2.1. O papel da escola na construção da identidade de gênero

A identidade de gênero se refere à maneira como uma pessoa se identifica diante de si próprio e da sociedade, se apresentando como ser masculino ou feminino, ou ambos, e isso independe do sexo biológico ou de sua orientação sexual, estar mais ligado com os comportamentos ou papéis socialmente estabelecidos.

A escola é um espaço social complexo e plural, pois é um lugar onde tem a presença de diferentes grupos sociais, compostos de uma multiplicidade de identidades sociais. Sendo assim, na escola, a identidade de gênero só poderá se constituir a partir da sistematização de práticas pedagógicas, presentes em todas as disciplinas, onde os docentes devem ficar atentos para ajudar alunos/alunas a construir relações de gênero com base na equidade e no respeito pelas diferenças, para garantir que o processo de sociabilidade entre os diferentes sujeitos torne-se livre de preconceitos. Para isso, é necessário que professores/professoras tratem alunos/alunas de forma igual, sem diferenciar o que é para meninos e o que é para meninas.

Diante disso, o professor José deixa claro na sua fala que procura trabalhar em sala de aula, de forma igualitária, para que os (as) alunos (as) compreendam que as diferenças não os fazem superiores ou inferiores.

Não só na questão de gênero, eu acabo agindo de forma até com certos radicalismos, quando vejo que de alguma forma um aluno estar querendo se sobrepor né, diminuindo o outro, [...] então eu trabalho desde os primeiros dias de aula exatamente as questões de respeitar as diferenças, pois respeitar as diferenças ultrapassa até as questões de gênero, justamente por conta disso, por que o diferente é quando, é menino ou menina, mas também quando é magro ou gordo, eu tenho o maior cuidado de trabalhar isso, eu atuo assim, de certa forma, não deixo que isso aconteça, atuo de forma bem incisiva mesmo, acho que isso é um cuidado que a gente tem que ter, tem que trabalhar a igualdade exatamente para respeitar essa diversidade que existe na sala de aula, pois isso é o papel do educador, trabalhar as problemáticas que existe na sala de aula que tá ligada com a cidadania.
(professor José)

Assim como fala o professor José, todos os esforços devem ser direcionados para que alunos/alunas possam entender que as diferenças entre eles não os tornam melhores ou piores, mas para isso as oportunidades devem ser asseguradas a todos. Desse modo, a prática docente deve contribuir para a construção de uma identidade de gênero pautada na igualdade e no respeito às diferenças. Sendo assim, de acordo com os relatos do professor José, na escola Maria Emilia, os docentes, na sua maioria, têm procurado desenvolver suas atividades com base na igualdade de gênero.

Na minha compreensão as relações de sala, por exemplo, a gente trabalha no sentido de ser inclusiva, sem deixar de influenciar se é menino ou menina, exatamente pra que haja assim um pouco de igualdade na sala de aula, mesmo por que às vezes na sala se reproduzem a prática da casa desses alunos, da rua, e a gente sabe que essas relações muitas vezes, são relações machistas, a gente tenta desmistificar um pouco isso na sala de aula, pelo menos na minha prática de sala aula tenho feito. (Professor José)

Como também a professora Eva relata que durante as suas aulas, tem procurado desenvolver seu trabalho pedagógico de forma equilibrada para alunos/alunas, para que todos possam se sentir que estão na mesma condição, nesse sentido ela diz, “procuro ser imparcial no que diz respeito a direitos e deveres entre os alunos, procuro não tratá-los de forma diferente”.

Diante desses relatos podemos perceber que os (as) professores (as) tem procurado não reproduzir práticas que reforcem uma diferenciação entre alunos/alunas. Porém, se faz necessário que além de não reproduzir tais práticas, proporcionem condições para que alunos/alunas possam refletir sobre a necessidade da construção de uma identidade pautada no respeito ao outro.

Nesse sentido, a escola ainda não desenvolve projetos sistematizados e permanentes direcionados para a construção de uma identidade de gênero, que possa estabelecer verdadeiras mudanças sociais, mas vale salientar, que na escola já tem ocorrido algumas mudanças na sua estrutura político-pedagógica que favorece as condições de gênero. Assim como nos relata o professor José,

Olha, agora no momento especificamente, eu não vou me ater ao currículo, por que não lembro, então vou colocar um pouco a prática, nas reuniões, por exemplo, das mães e dos pais essas questões são tocadas e trabalhadas, e uma que pode chamar atenção, é na comemoração dos dias das mães e do dia dos pais, no convite a gente coloca que se o aluno for criado só pela mãe, então ela vem para o dia das mães e para comemoração do dia dos pais, por que ela mãe e pai, e o inverso também acontece, nós temos casos de alunos que moram só com o pai, então ele é convidado também para vim pra o dia das mães, por que ele é pai e mãe. Quando a gente conversa, diz isso na sala de aula então os alunos percebem que é diferente, por que a gente tá dentro de um contexto de uma sociedade que já não tem um padrão definido de família, então isso fica bem claro na nossa parte da escola, acho que isso é pra demonstrar que há uma preocupação sim na questão de gênero, mas é mais que isso, na sala de aula a gente dar muita ênfase a isso na questão do professor possa ter o cuidado sempre de trabalhar amplo com a menina e com o menino de forma que eles se sintam acolhidos de forma igual, acho que é por ai.

Na sua fala o professor José deixa claro que, a escola tem procurado estabelecer uma relação de respeito com as diferenças, através da realização de atividades práticas que possam favorecer a construção da identidade dos (as) alunos (as). A partir dessa compreensão, podemos perceber que a escola tem desenvolvido ações no sentido de proporcionar contribuição para que as relações de desigualdade sejam minimizadas.

Mas, não se pode afirmar, ainda, que existam propostas pedagógicas sistematizadas em todas as práticas docentes, assim como nos relata o professor José,

É, assim, a gente não tem uma base sistematizada quanto esta questão de gênero, mas eu acredito que a escola aqui tem sim na prática trabalhado essa questão de forma boa, mas precisa avançar mais... Mas acho que é bom, nesse sentido o papel da escola sobre a questão de gênero, talvez ainda assim, nós professores temos que ter mais sensibilidade quanto essa questão, acho que nós precisamos ainda de 20, 25% né, de sensibilização para o que estar bom se torne ótimo, mas o papel da escola é importantíssimo nisso, a gente não pode se descuidar, quando dizemos, até no bom dia, a vezes a gente acaba colocando, externando o machismo que existe na gente, que existe na sociedade, então a gente tem que focar com mais ênfase, tem que ser melhor trabalhado, não há uma igualdade de pensamento entre nos professores nesse sentido, mas talvez temos que continuar dando mais ênfase a questão de gênero junto com os professores, para que eles possam trabalhar em sala de aula, nas suas atividades juntos com os alunos, e deixar isso mais claros, mais trabalhado, pois as desigualdade de gênero que existe na sociedade, a escola como já disse, também reproduzem isso né, assim é preciso trabalhar para que ela possa reproduzir menos essas desigualdade, e a gente possa chegar em um patamar de igualdade, ainda assim, melhor desejável.

Assim como também na fala da professora Eva é possível perceber que apesar das ações desenvolvidas na escola, falta um maior comprometimento, principalmente por parte de alguns docentes, para lidar com as questões de gênero,

Não posso generalizar e dizer que o corpo docente da escola tem a consciência de igualdade de gênero, até porque o tema não é inserido nas formações continuadas. Como falei anteriormente vejo como uma construção histórica que se apresenta em pequenas atitudes diárias, como exemplo, a cor azul para os meninos e a cor rosa para as meninas. Muitas vezes o ser humano contribui para essa desigualdade por falta de conhecimento e preparo. (Professora Eva)

Diante desses relatos, entendemos que se faz necessário uma maior participação de todos os que fazem parte da equipe pedagógica da escola, para que esta possa desenvolver cada vez mais ações direcionadas para construção de uma identidade de gênero com base no respeito às diferenças.

Portanto, para que essas ações possam ser introduzidas cada vez mais nas práticas educativas é necessário que todos os (as) professores (as), estejam em constante processo de atualização, para que se mantenham sempre informados sobre as discussões relativas às relações de gênero.

Nesse sentido, Louro (1997) nos trás a seguinte reflexão:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui. (LOURO, 1997, p.64)

Sendo assim, professores/professoras, têm que se manterem atentos as suas ações, para não reforçar os preconceitos existentes na sociedade. Pois, com suas práticas docentes, muitas vezes tendem a redirecionar os conhecimentos que alunos/alunas trazem para a escola, sendo assim, também podem orientar-los nas suas concepções de feminino e masculino, e através dessas orientações poderem promover uma aprendizagem baseada na igualdade da diferença.

Pois, é através do processo de conscientização que os docentes, enquanto profissionais da educação, podem em sua prática vislumbrar diversas possibilidades de mudanças no contexto social que estabeleça a equidade entres todos os sujeitos.

4.2.2. Desigualdade de gênero no espaço escolar

A escola não é constituída apenas de uma estrutura física, porém até seus espaços físicos podem dizer sobre sua concepção de educação, mas sem dúvida alguma, a sua maior importância estar nas pessoas que fazem parte do seu contexto, as quais são inseridas numa determinada sociedade, e que acabam por reproduzir no espaço escolar suas vivências sociais, inclusive a maneira como lidam com as relações de gênero, as relações de poder e de desigualdade. Para tanto, Louro (1997) nos trás,

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não

são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, p.59)

Nesse sentido, a escola proporciona um espaço privilegiado para alguns, enquanto para outros ela não passa de um espaço de exclusão, onde produz ou reforça a desigualdade. Sendo assim, é necessário direcionar as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar para favorecer a igualdade entre todos os (as) alunos (as).

Na escola Maria Emilia, existem trabalhos pedagógicos direcionados para o trato das relações de gênero, como por exemplo, vezes por outra, a escola organiza palestras para discutir essas questões, no entanto isso não acontece a partir de um planejamento permanente, são mais ações eventuais, mas a escola deixa em aberto para que os docentes possam trabalhar essas questões nas suas aulas, como nos fala a professora Eva,

Assim, as propostas de planejamento da escola não direcionam para igualdade de gênero diretamente, porém as orientações que são repassadas deixam os professores bem a vontade para trabalharem as questões atuais e necessárias, e entre essas as questões de gênero.

A partir da fala da professora podemos perceber que a escola orienta para que professores/professoras trabalhem as questões de gênero durante suas aulas, ficando assim, a cargo de cada um desenvolver trabalhos, como também proporcionar discussões a cerca das desigualdades de gênero.

Porém, o que se pode observar é que nem todos os (as) professores (as), levam essa discussão para a sala de aula, tão pouco se preocupam para não se tornarem agentes reprodutores de tais desigualdades, na verdade mais parece que estão alheios a essas questões, porém, deixando claro que, a maioria dos docentes tem procurado dentro da sua prática tratar das questões de desigualdades de gênero, mesmo que de forma, ainda, restrita. Sendo assim, os docentes que não demonstram preocupação ao que se refere às relações de gênero, acaba criando uma situação que dificulta, muitas vezes, a coordenação pedagógica da escola direcionar as orientações para o trato com as questões de desigualdade de gênero.

Na escola Maria Emilia, mesmo não tendo um planejamento permanente direcionado para as questões de gênero, é possível identificar na escola, uma intencionalidade no que diz respeito à contribuição para diminuir a desigualdade de gênero, a partir de algumas práticas desenvolvidas por professores/professoras nos espaços educativos que a escola dispõe.

Entre as ações práticas, o professor José destaca que podem ser feitas ações simples dentro de sala de aula, para demonstrar a alunos/alunas que as tarefas corriqueiras do dia-a-dia presente no cotidiano escolar podem ser realizadas tanto por meninos como por meninas.

Olha é, por exemplo, a questão da diferença... Um exemplo assim que seria na minha tentativa de desmistificar isso, que é, por exemplo, o quadro né, às vezes quando se fala para alguém apagar, geralmente se pede para as meninas fazerem, e eu prefiro pedir para os meninos fazer essa tarefa, exatamente por que já se trabalha um pouco essa desmistificação, e assim na questão das relações, acho que eu tento não sei até que ponto, por que enquanto homem em uma sociedade machista praticamente deve ter um bucado de machismo dentro de mim, mas eu procuro trabalhar de forma que a atenção seja dada igualmente tanto para os meninos e as meninas, [...], eu procuro em vários momentos trabalhar dessa forma, para que haja uma certa percepção por parte dos alunos de que eles são tratados igualmente, tanto os meninos como as meninas. (Professor José)

Outro fato que ocorre na escola, e que contribui para amenizar as desigualdades entre alunos/alunas, são as orientações que a coordenação pedagógica passa para os docentes, ao que se refere à realização de trabalhos em grupos, assim como diz o professor José,

Geralmente, já existem grupos pré-existentes né, então a gente diz assim, tem que mexer não mexer na sala, mexer nos alunos, no sentido que esses grupos pré-existentes acabem favorecendo outros, então agente pede que seja mexido nesses grupos pré-existentes, e que contemple dentro desses grupos a questão de ter meninos e meninas, isso é uma coisa que pedimos de forma corriqueira, quando passarmos nas salas que tiverem trabalho em grupo vamos ver que nunca vai ter só meninos ou só meninas, vamos ver essa mistura, tem que dar ênfase nisso, para trabalhar essa questão de gênero.

De acordo com o relato do professor, essas orientações têm trazido bons resultados, no sentido de que, os estudantes por si só já fazem essa mistura de gênero nos trabalhos em grupo. São muito importantes os momentos de convivências que alunos/alunas acabam tendo nos trabalhos em grupo mistos, pois pode despertar neles/nelas novas descobertas através do respeito às diferenças. Nesse sentido, os docentes devem desenvolver trabalhos de convivência em grupo para proporcionar reflexões sobre as relações de gênero e suas desigualdades.

Partindo desse pressuposto, é possível perceber que em qualquer atividade escolar pode-se ensinar a cerca das relações de gênero, com tudo é necessário que professores/professoras fiquem precavidos para quando necessário, intervir no modo de agir de alunos/alunas, para que não haja chacotas e censuras sobre a sexualidade de cada um, principalmente, para que não haja desigualdades entre eles/elas.

Porém, para combater esse tipo de desigualdades, a educação é um instrumento fundamental, pois tem o poder de contribuir para mudar os valores de uma sociedade, mas para que isso aconteça é preciso que o princípio do respeito à diferença esteja inserido na base educacional, tanto na escola quanto em casa. Assim como diz a professora Eva,

Acho que a educação para igualdade de gênero começa em casa, na família, mas a escola é uma base importantíssima para a construção de uma sociedade baseada na igualdade de gênero, pois ela tem o poder de ajudar a mudar os valores construídos socialmente.

Portanto, é importante que alunos/alunas aprendem a respeitar uns aos outros, e reconhecer seus lugares sociais como espaços de diversidades. Porém, professores/professoras tem que ficarem atentos às responsabilidades que cada um tem na formação dos (as) alunos (as), para que não contribuam para a construção de identidades pautadas nas relações de desigualdades de gênero.

4.2.3. Atividades extraclasse desenvolvidas na escola que contribuem para a desmistificação de preconceitos

A escola se constitui em um cenário rico no que se refere às diversas questões sociais, tornando-se assim um espaço favorável para construção de determinadas identidades, que poderão ser constituídas a partir de certas intencionalidades, sendo assim, é preciso uma maior atenção por parte dos (as) professores (as) para desconstruir todo um conjunto de estruturas que atuam na produção da desigualdade de gênero.

Sendo a escola uma instituição social que tem o objetivo de contribuir com a formação do ser humano, é importante que ela não se torne um mecanismo de reprodução de desigualdade, tão pouco, se mostre neutra quanto ao tocante das relações de gênero. Para isso é necessário perceber como os processos educativos se constroem a partir das construções sociais desenvolvidas coletivamente visando à desmistificação das diferenças de gênero.

Nesse sentido, Louro (1997, p. 85 e 86) nos trás a seguinte reflexão:

Portanto, se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade, se admitimos que a escola esteja intrinsecamente comprometida à manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é

historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

Por esta razão a escola necessita de tomada de decisão nas quais devem eleger pressupostos políticos, ideológicos, filosóficos, que irá conduzir a sua prática educativa, é através dessas escolhas que a escola pode se tornar uma reprodutora de preconceitos e discriminações, ou, se tornar responsável pela construção de uma cidadania mais igualitária para homens e mulheres. Para isso, a prática educativa não deve se reduzir apenas ao saber sistematizado dos conteúdos de uma cultura dominante, mas, deve congrega também com a cultura de todos os sujeitos que fazem parte das relações sociais dos espaços onde os saberes são construídos.

Portanto, a escola é um espaço social que contribui na construção das representações de gêneros a partir do direcionamento das condutas e posturas apropriadas para cada um/uma, através de um longo processo de reflexão onde possibilitará a autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos

Mas, para que isso aconteça é importante respeitar a heterogeneidade existe no espaço escolar, como também evitar um tratamento diferenciado entre alunos/alunas, deixando que participem de todas as atividades, evitando assim, a ideia de que os meninos devem fazer às tarefas que requerem força e as meninas as tarefas de mais sensibilidade, sendo assim as atividades devem se equivaler entre os gêneros.

Nesse sentido, o professor José trás na sua fala, que na escola são desenvolvidas práticas onde não há separação de alunos/alunas.

Não tem separação entre os alunos, dentro da escola isso não acontece não, a gente sempre procura equacionar isso de forma que haja igualdade nessa parte, o direcionamento sempre é, por exemplo, temos atividade de teatro que é contemplado meninas e meninos, na apresentação de trabalho nos eventos da escola, sempre é contemplado meninos e meninas, para que seja colocada a questão que haja igualdade entre meninos e meninas. (Professor José)

Diante do que trás o professor José, é possível perceber que a escola tem procurado inserir tanto alunos como alunas nas atividades extraclases. Durante as observações, foi possível perceber que nos eventos organizados na escola, tem uma efetiva participação de

meninas e meninos, nas atrações artísticas, como no grupo de teatro, grupo de danças e demais apresentações, não existem privilégios entre meninos e meninas.

Na escola Maria Emilia segundo o professor José, os docentes tem procurado direcionar sua prática para desmistificar preconceitos existentes nas relações de gênero, através das práticas educativas desenvolvidas nos espaços existentes na escola. Entre essas práticas, ele destaca as atividades de educação física, que são realizadas muitas vezes, de forma mista, onde meninas e meninos praticam as atividades juntos.

[...] e aqui na educação física é comum, a gente tem registro fotográficos diversos ai das meninas que jogam em grupos junto com os meninos, por exemplo, na quadra de área, que são seis de um lado onde ficam com três meninas três meninos, no outro time também é três meninas e três meninos, na quadra do mesmo jeito, jogos também no campo, no vôlei também, essa prática é feita em atividades muitas e muitas vezes dessa forma com um número no time de meninas e meninos, nas diversas modalidades. (Professor José)

Diante do relato, percebem-se na escola que as atividades desenvolvidas na disciplina de educação física têm desmistificado o preconceito de que as meninas não podem praticar atividades que necessite de força, pois socialmente se criou a ideia que as meninas devem se dedicar mais em desenvolver a sensibilidade e a delicadeza, deixando as atividades que requer mais movimentos bruscos e força para os meninos.

Porém, ainda existem certa restrições no que refere à discussão de alguns pontos importantes que concerne as essas questões, que é o caso da sexualidade, que pode ser considerado um fato social, no sentido de contribuir para a construção de uma identidade de gênero, e que deveriam estar sendo amplamente discutido no contexto escolar, no entanto, na escola Maria Emilia essas é questão não é aborda de maneira aberta e sistematizada.

Assim como relata o professor José,

[...] um trabalho direciona para essa questão da sexualidade, do respeito a essa opção, isso diretamente não é trabalhado, tipo assim não tem um projeto direcionado para isso, mas de maneira em geral os professores a e direção com certeza tem feito com que não haja brincadeiras com alunos que tenham uma opção diferente do que o padrão, vamos dizer assim, para a sociedade, mesmo por que acho que esse é um tema que já vem sendo muito debatido na televisão, por exemplo, e ai as pessoas são mais informadas... Então entre eles existe um respeito maior quanto a essa questão da sociedade.

No entanto, vale salientar que mesmo tendo essa junção de meninos e meninas durante as atividades de educação física, como também em outras atividades, ainda não se

resolve por total as questões pertinentes a desigualdades de gênero, pois ainda falta muito para que a escola se torne um espaço onde não reproduza condições de desigualdades, por que as questões de gênero são trabalhadas a partir de ações pontuais, e não com práticas permanentes voltada para a discussão a certa da desmistificação de preconceitos relacionados essas questões, assim como fala o professor José,

Eu acredito que ainda não, ainda são coisas mais pontuais, pois no todo acho que a escola ainda é conservadora também como a sociedade, acho que ela tem pouco contribuído para essa desmistificação na questão de gênero, na questão de tarefas de meninos e meninas, acho que ainda tem pouco contribuído nesse sentido, pois apesar de contribuir ainda tá a quem do que deveria já estar acontecendo no ambiente escolar.

A escola, não pode ser constituída de demarcação de desigualdade, por ser um espaço onde tem a existência de diferentes identidades, que fazem parte da condição humana. Nesse sentido, é papel dela promover meios para se alcançar justiça social e de gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar temas como, relações de gênero, desigualdade e construção de identidade na escola pode proporcionar a construção ou desconstrução de regras sociais necessárias para o convívio entre os diferentes sujeitos, sem preconceitos e discriminação. A partir dessa pesquisa realizada no contexto escolar ficou evidente que trabalhar essas questões no campo educacional favorece para o entendimento de que a educação pode oferecer subsídios para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Sendo assim, a escola como uma transmissora de saber socialmente construído, deve assumir uma postura que possa contribuir para a superação de preconceitos e desigualdades através da concepção de ideias que estabeleça as condições de igualdade de gênero, para isso, é necessário que as práticas educativas estejam voltadas para uma reflexão a cerca do respeito ao modo que cada indivíduo constrói sua identidade.

Entender o espaço escolar como um ambiente propício para a construção de saberes, incluindo a construção de identidades, é poder ressaltar o importante papel que a escola tem no que diz respeito ao fazer pedagógico a partir das ações reflexivas que contribuem para a formação humana.

Com tudo se faz necessário cada vez mais difundir na coletividade a importância de discutir as questões de gênero e sua desigualdade, para que possamos contribuir com a desmistificação de preconceitos, que estar arraigado no ser social, que se constrói a partir dos interesses de uma sociedade dominante.

Na escola não se pode dizer que não é possível trabalhar as questões de gênero durante as atividades realizadas no dia-a-dia, pois, percebemos que é possível exemplo disso, é que nas reuniões do grupo focal, no início os (as) alunos (as), começaram a se comportar como se aquela situação fosse uma disputa entre eles/elas, então só depois que começaram os diálogos é que eles foram percebendo que não estava em competição para ver quem era melhor, e sim para mostra suas compreensões sobre as relações entre meninos e meninas, isso nos mostrou que uma boa orientação que conduza a uma discussão acerca das relações de gênero, que resulte em uma reflexão sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres, é possível ser aplicada em qualquer atividade e em todas as disciplinas.

Diante disso, podemos afirmar que as questões referentes às relações de gênero podem estar presentes em qualquer prática educativa, porém é necessário o interesse e comprometimento dos (as) professores (as) para inserir na sua prática diária, e não apenas em

momentos específicas, para que assim desenvolvam ações concretas com a intencionalidade de contribuir para a discussão a cerca das relações de gênero.

A partir das observações e das entrevistas foi possível perceber que na escola pesquisada a maioria dos docentes compreende o que vem a ser relações de gênero, porém, na prática ainda existem, na escola, professores/professoras que não demonstram ideias formadas acerca destas relações, o que acaba atrapalhando uma reflexão sobre o assunto e sobre a própria prática docente.

Porém, na sua maioria professores/professoras buscam trabalhar em sala de aula a igualdade entre homens e mulheres, visto que todos têm os mesmos direitos, partindo do pressuposto que todos são seres humanos. Mesmo assim, é possível perceber que apesar da compreensão do significado das relações de gênero, e defenderem em seus discursos que são contra os preconceitos, ainda utilizam palavras ou comparações atribuídas a papéis característicos de cada sexo.

Portanto, o que podemos concluir é que encontramos na escola elementos presentes nas práticas educativas que contribuem para a desmistificação de preconceitos nas relações de gênero, porém, foram encontrados em ações eventuais, muitas vezes em atitudes individuais de professores/professoras, e não no planejamento permanente e sistematizado no currículo da escola, o que não é estranho, pois essa uma situação que, infelizmente, podemos encontrar na maioria das escolas no Brasil.

Como também, apesar das ações realizadas nas atividades desenvolvidas na escola, foi possível perceber através das observações que ainda existe na prática docente uma lacuna, ao que se refere à construção de um discurso concreto e atual acerca das relações de gênero.

Então, para isso, às questões de gênero devem estar presentes em todas as ações educativas, na sala de aula, na hora da recreação, não só em momentos específicos, pois, o ideal é incorporar as discussões pertinentes às relações de gênero em todas as disciplinas, nos conteúdos trabalhados em sala de aula, como também nas atividades extraclases, para que essas questões sejam inclusas nas práticas educativas como ações permanentes. Pois, é necessário, que dentro das ações educativas essas questões sejam tratadas com mais aprofundamento a partir de discursos atuais, para que alunos/alunas construam efetivamente identidades baseadas da igualdade de gênero.

Nesse sentido, as construções de gênero existentes na sociedade e que se estabelece na relação de poder desigual, caracterizada pela dominação masculina e pela subordinação feminina, torna-se o grande desafio da educação, no sentido, de desconstruir conceitos

construídos socialmente ao longo do tempo que estimula a desigualdade entre homens e mulheres.

Porém, a escola não pode ser unicamente a responsável pelas mudanças sociais que concerne às relações de gênero, porque não tem como a escola se tornar um espaço que possibilita a igualdade plena entre os indivíduos, sendo que ela se encontra dentro de uma sociedade que ainda perpetua a desigualdade e o preconceito nas relações de gênero.

No entanto, sendo a escola uma instituição social, que transmite e produz valores sociais pode contribuir para suceder mudança na concepção de gênero, possibilitando novas compreensões a cerca das relações entre homens e mulheres, pautados em princípios de igualdade, pois a escola acima de tudo deve possibilitar o desenvolvimento de pensamentos críticos, que permite os indivíduos construir sua identidade de gênero a partir um olhar crítico e reflexivo sobre a sociedade da qual faz parte.

Essas reflexões não são conclusivas, mas sim, se apresentam como um exercício de análise que vem a colaborar com novas possibilidades de reflexões e questionamentos.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. A educação e os novos blocos hegemônicos. In: RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 93-122.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzales, CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna. (orgs). **Por uma educação do campo**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 147 – 158.

CRUZ O.N., MOREIRA M.R., SUCENA L.F.M. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13.,2002, **Anais...** Ouro Preto, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria: Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial da União, Brasília,DF, Sessão1, 5 nov. 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm >

DINIZ, Margareth, VASCONCELOS, Renata Nunes; MIRANDA, Shirley Aparecida de. O que produz o silenciamento das mulheres no magistério? In: DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes (Org.). **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena e educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004, p. 22- 47.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 34. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia de pesquisa social**. 6 ed. – 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GIMENO SACRISTÁN, José. **A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 68-75, 1996,

LAKATOS, Eva Maria; MARCOMI, Mariana de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, Janssen Felipe da. Introdução: avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: _____; HOFFMANN, Jussara; ETEBAN, Maria Teresa (Org). **Práticas avaliativas e aprendizagens**: em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 9 - 20.

SILVA, Maria do Socorro. Educação básica do campo: organização pedagógica das escolas do meio rural. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier. (org.). **Movimentos sociais, estado e políticas de educação do campo**: pesquisa e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 303 – 316.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. [S.l.], v. 20, n. 2, , p. 71 – 99, jul./dez. 1995.

TRIGO, Maria Helena Bueno;BRIOSCHI, Lucia Reis. Masculino-feminino: nada mais “natural”. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Gênero e educação**: lutas do passado, conquistas do presente e perspectiva futuras. São Paulo: Ícone, 2007, p. 101 – 115.

APÊNDECE A: Roteiro para entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
GRADUANDA: AURICELIA DE MELO ARAUJO
ORIENTADOR: VALDONILSON BARBOSA DOS SANTOS

TÍTULO DA PESQUISA - Gênero e educação: contribuições que as práticas educativas oferecem para as desmistificações de preconceitos nas relações de gênero

ROTEIRO DE ENTREVISTA

A entrevista é semi-estruturada, pois irá permitir que os entrevistados falem livremente sobre a temática proposta. A entrevista será direcionada para um professor e uma professora da instituição de ensino na qual estar sendo realizada a pesquisa.

Nome: _____

Idade: _____ () Feminino () Masculino

Formação inicial: _____

PERGUNTAS

- 1) Há quanto tempo você atua como docente?
- 2) Nesta instituição você ocupa outros cargos ou apenas o de docente?
- 3) Para você existe diferencia entre o conceito de gênero e o de sexo?
- 4) O que compreende por relações de gênero? Não só no contexto escolar, mas também em outros contextos?
- 5) Como é a sua relação em sala de aula com os alunos e alunas? Existe alguma diferença?
- 6) Como você lida com manifestações de desigualdades de gênero dentro da sala de aula?
- 7) Na escola como estar sendo trabalhada a questão da orientação sexual dos adolescente, existe algum trabalho direcionado para essa questão?
- 8) A escola não tem um projeto sistematizado para trabalhar as questão de sexualidade,
- 9) As propostas do currículo da escola contribui com a igualdade de gênero? Em quais situações?

- 10) Existe recomendação por parte da coordenação pedagógica no sentido que, professores/professoras que quando houver trabalho em grupo, a divisão dos alunos não seja feita por sexo?
- 11) Na hora da recreação ou nas atividades físicas existe separação entre meninas e meninos?
- 12) Em relação ao desempenho escolar existem diferenças entre meninos e meninas, eles apresentam resultados diferentes na disciplina que você leciona? E o que você considera ser a causa desses desempenhos?
- 13) Na sua carreira docente você já percebeu alguma situação de desigualdade de gênero?
- 14) Para desenvolver as atividades extraclasse existe divisão entre meninos e meninas?
- 15) Para você, qual o papel a escola deve desempenhar no que diz respeito as questões de identidade de gênero?
- 16) Você acha que hoje na escola as práticas educativas colaboram para desmistificar os preconceitos nas relações de gênero?
- 17) Você acha que falta discussão sobre as questões de gênero em sala de aula?

MUITO OBRIGADA!

APÊNDECE C: Roteiro do grupo focal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
GRADUANDA: AURICELIA DE MELO ARAUJO
ORIENTADOR: VALDONILSON BARBOSA DOS SANTOS

TITULO DA PESQUISA: Gênero e educação: contribuições que as práticas educativas oferecem para as desmistificações de preconceitos nas relações de gênero

ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL

O grupo focal será formado por 06 (seis) alunos/alunas, e será planejados em 3 (três) encontros, sendo um só com meninas e outro só com meninos, e por último com todos juntos.

Antes de iniciar os encontros será necessário observar em sala de aula, como os alunos entendem as questões de gênero, a partir de então convidar alguns para participar dos encontros do grupo focal

1º ENCONTRO

Será realizado só com as meninas.

No início estabelecer um pacto mútuo e de respeito entre os participantes. Solicitar que se expressem livremente sobre o tema proposto.

PAUTA: discutir sobre as questões de gênero na perspectiva Feminina.

Perguntas para direcionar a discussão:

- 1) Para você existe diferença entre o conceito de gênero e o de sexo?
- 2) Existe alguma diferenciação entre meninos e meninas durante o cotidiano escolar, na hora do refeitório ou nas aulas?
- 3) Quais comportamentos ou características você considera:
 - a) Típicas de meninos:
 - b) Típicas de meninas:
- 4) Os professores tratam os meninos diferentes das meninas?

2º ENCONTRO

Será realizado só com os meninos.

No início estabelecer um pacto mútuo e de respeito entre os participantes. Solicitar que se expressem livremente sobre o tema proposto.

PAUTA: discutir sobre as questões de gênero na perspectiva masculina.

Perguntas para direcionar a discussão:

- 1) Para você existe diferença entre o conceito de gênero e o de sexo?
- 2) Existe alguma diferenciação entre meninos e meninas durante o cotidiano escolar, na hora do recreio ou nas aulas?
- 3) Quais comportamentos ou características você considera:
 - a) Típicas de meninos:
 - b) Típicas de meninas:
- 4) Os professores tratam os meninos diferentes das meninas?

3º ENCONTRO

Será realizado com as meninas e os meninos juntos. Serão colocadas em discussão as mesmas questões que já foram trabalhadas separadamente, e outras que forem necessárias para alcançarmos uma boa discussão, e assim podermos verificar se existem posicionamentos diferenciados quando os grupos estão separados, como também analisar se existem distanciamentos entre meninos e meninas.

PERGUNTAS

- 1) Vocês acham que os professores tratam com igualdade os meninos e as meninas na sala de aula?
- 2) Existe diferença no desempenho durante as atividades entre os meninos e as meninas, ou ambos têm o mesmo desempenho (as mesmas notas)?
- 3) Vocês acham que existe disciplina que é mais para menino e outras mais para meninas?

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO - CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - UAEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, Professor (a) da escola municipal do ensino Fundamental II, do município de Sumé – PB, concordo em conceder entrevista à AURICELIA DE MELO ARAUJO (matricula: 710140027) referente à sua Pesquisa de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CDSA) intitulada: GÊNERO E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES QUE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS OFERECEM PARA AS DESMISTIFICAÇÕES DE PRECONCEITOS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO. Tendo como orientador o Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Declaro estar ciente de que minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Declaro, ainda, estar ciente de que por intermédio deste Termo são garantidos a mim os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) ter ampla possibilidade de negar-me a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à minha integridade física, moral e social.

Sumé, _____ de _____ de 2014

Assinatura do entrevistado (a)

Assinatura da responsável pela pesquisa

Assinatura do orientador da Pesquisa